

O trabalho da memória na transmissão das devoções: promessas e milagres no culto a São Gonçalo em Campo Maior (Piauí – Brasil)

Márcio Douglas de Carvalho e Silva

Universidade Federal do Piauí

Teresina - Piauí - Brasil

conectadonomarcio@hotmail.com

Resumo: A Dança de São Gonçalo, muito presente na zona rural do município de Campo Maior-PI, pode ser definida como um ritual de pagamento de promessa realizado na forma de dança e cantos. O objetivo desse trabalho é analisar como as relações estabelecidas através das promessas são constituídas na memória dos devotos de São Gonçalo e expressas através da emoção dos mesmos ao receber o milagre e poder retribuí-lo através do ritual. Utilizamos como aporte teórico principalmente as obras de Halbwachs (2003), Thompson (1992), Pollack (1992) e Durkheim (1996). A metodologia adotada foi a História oral e a etnografia, além da análise de um verso das cantigas do ritual.

Palavras-Chave: Memória. Devoção. Religião.

Introdução

Entre os rituais religiosos realizadas com a finalidade de pagamento de promessas, encontramos a devoção a São Gonçalo de Amarante, santo¹ de origem portuguesa que teve seu culto propagado no Brasil desde o período colonial, e até a atualidade é conhecido e cultuado em muitas regiões do Brasil. O objetivo desse trabalho é analisar como é construída a memória religiosa dos devotos de São Gonçalo, notadamente no que toca às suas narrativas sobre promessas e milagres no município de Campo Maior-PI.

O ritual de agradecimento a São Gonçalo ocorre durante todo o ano, com mais frequência na zona rural, onde muitas famílias se reúnem no terreiro de casa em frente a um altar e convidam os familiares e vizinhos para realizarem o rito de agradecimento às promessas atendidas pelo santo. Ao longo da noite, acompanhados pela melodia de

¹ Apesar de nos referirmos a São Gonçalo como "santo", o mesmo não teve o processo de canonização concluído pelo Vaticano, recebendo apenas o título de beato, porém os fiéis o consideram santo, daí o uso da denominação.

instrumentos musicais, entre eles a sanfona, homens e mulheres cantam e dançam em um ritmo empolgante para agradecer os milagres ao santo.

Conhecido como “Dança de São Gonçalo”, o ritual festivo apresenta na devoção religiosa elementos característicos da realidade social e histórica do grupo, marcado por identidades que apresentam caracteres da zona rural nordestina, remetendo-se à memória dos fiéis e familiares que dão prosseguimento a esse culto, transferindo os significados que estão apregoados nessa prática religiosa e dando sentido à mesma.

Mais do que agradecer a um milagre, a realização do ritual é um momento onde as famílias se encontram para afirmar a continuidade de um evento religioso que caracteriza as devoções populares do município de Campo Maior. É momento de revisitar as memórias e reavivarem as emoções com os familiares, que em alguns casos moram em cidades mais distantes e veem nesse evento um momento de se encontrarem e manterem vivas suas lembranças, dessa forma, reforçando sua identidade, esta que para Halbwachs (2003) reflete todo o investimento construído ao longo do tempo na construção da memória.

Assim, a dança de São Gonçalo, além de servir como momento revisitador da memória de familiares, também é um evento integrador da comunidade onde se apresenta, pois nessa ocasião todos se reúnem e através da oralidade se recordam de rituais passados e reafirmam o seu sentido para o grupo, sendo, portanto, um ritual de reatualização dos traços que definem a identidade dos devotos. Os elementos que compõem a devoção somente no conjunto da manifestação do evento adquirem amplos significados, estes expressos na memória e nos vínculos entre os atores sociais que participam do ritual.

A relação de “obrigações” que é estabelecida na promessa entre devoto e santo é o elemento chave dessa devoção, que tem como resultado final a realização do rito. Esse sistema de troca (entre homem e divindade) em muitos casos torna-se uma dívida “eterna”, uma vez que ao aderir à realização dos rituais em devoção a São Gonçalo, dependendo da promessa, todos os anos o fiel terá que promover o rito. Muitas pessoas pagam promessa durante toda a vida, o que acaba caracterizando a história de vida dessas pessoas e de seus familiares, pois a tendência é que o compromisso com a divindade seja seguido pelas próximas gerações, sendo em muitas famílias comum a promessa ser feita por um devoto na intenção de outra pessoa retribuir o milagre recebido.

O espaço histórico e geográfico onde analisamos esse ritual foi Campo Maior-PI. Cidade de origem portuguesa, há mais de dois séculos se faz presente na historiografia piauiense, sendo considerado um dos primeiros núcleos de povoamento do Piauí, ficando muito conhecida pela sua intensa religiosidade, expressos principalmente nos festejos de

Santo Antônio. Em meio a esse cenário, a “Dança de São Gonçalo” aparece como um elemento de integração social através da memória religiosa, seja de vizinhos, amigos ou familiares que se reúnem à noite no terreiro de suas casas e com músicas e danças agradecem a milagres e explicitam suas histórias de alegrias e sofrimentos eternizados nas suas memórias.

Para desenvolvermos nosso estudo, utilizamos como aporte teórico, entre outras, as obras de Halbwachs (2003), Pollak (1992), Thompson (1992), Durkheim (1996) e Mauss (1974). O diálogo com as teorias dos autores citados acima nos possibilitou utilizarmos como metodologia a História oral e a etnografia.

Um santo festeiro no Brasil

Santo de origem portuguesa, São Gonçalo de Amarante possui uma hagiografia que se caracteriza por uma vida de renúncia e pela realização de milagres ainda em vida. A ele também é atribuída imensa alegria e a habilidade de tocar viola, que utilizava com o objetivo de entreter as prostitutas para que as mesmas não desempenhassem o seu ofício. Essas características conferidas ao santo foram determinantes para a moldagem do seu ritual no Brasil, que até a atualidade é executado ao som de instrumentos musicais, como nos mostra o relato de dona M.², 67 anos, devota de São Gonçalo desde a juventude.

Eu cresci vendo minha mãe dizer que ele quando jovem era alegre e gostava de se divertir, saindo a noite com os amigos fazendo festas e tocando viola, por isso geralmente a imagem do santo apresenta ele segurando uma viola. E por esta razão o ritual do pagamento de promessa é feito com danças e cantigas ao som de instrumentos musicais, na maioria sanfona (M., 67 anos).

Além de ser festeiro, na hagiografia de São Gonçalo, consta ainda uma passagem pela ordem dominicana, tendo vivido no século XIII, falecendo “em 1259, em Amarante, no Douro, a margem direita do Tâmega” (CASCUDO, 1954, p. 432), no dia 10 de janeiro, data tida como o dia dedicado ao santo. Tornando-se beato em 1551 pelo Papa Júlio III e com um grande empenho do rei de Portugal, D. João III, que era devoto de São Gonçalo, seu processo de canonização permaneceu inconcluso apesar do interesse de sua santificação por parte da coroa portuguesa.

Considerado santo para os seus fiéis, o culto a São Gonçalo chegou ao Brasil por meio de devotos vindos de terras lusitanas, e se espalhou pelas terras do além-mar. As

² Nesse texto, os devotos aparecerão indicados apenas pelas iniciais dos seus nomes e as suas idades.

indicações da existência do seu culto na Bahia no século XVIII estão presentes na 15ª carta do viajante francês Gentil de La Barbinais que atesta a presença do culto a São Gonçalo na capela do Rio Vermelho, Freguesia de Nossa senhora da Vitória, proximidades de Salvador em 1718. Gilberto Freyre (2006), assim como Laura de Mello e Sousa (2009), também trazem considerações acerca da prática de devoção a São Gonçalo em terras brasileiras ainda nos séculos de ocupação lusitana, atribuindo ao seu culto características sensuais e um alto grau de intimidade entre os devotos e o santo, prática muito característica das manifestações religiosas no Brasil nessa época.

As descrições do viajante francês La Barbinais nos dão uma ideia de como eram executadas as festas de louvor a São Gonçalo e a importância que a devoção ao santo português tinha para as pessoas que viviam no Brasil. As observações desse viajante, além de destacar a presença de diferentes grupos sociais na devoção ao santo, transmite a impressão que o culto era povoado pela bagunça e pela algazarra, mesclando traços profanos na festa sagrada. Além da devoção festiva do santo na Bahia, desde o século XVIII já era comum encontrar igrejas dedicadas ao culto de São Gonçalo em algumas partes do Brasil, como afirma Cascudo (1954, p. 433), “Em 1817, o francês Tollenare escrevia em Recife: Os rapazes e as raparigas dançavam durante toda a noite na igreja de S. Gonçalo, em Olinda”. Ainda segundo o autor, a popularidade do santo também pode ser verificada a partir dos nomes de vários municípios espalhados no Brasil que carregam o nome do mesmo, sendo possível no ano de 1940, encontrar “município de São Gonçalo no Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Piauí mudara o seu para Amarante, equivalente. Resistem em São Paulo e ninguém as pode vencer no Nordeste” (CASCUDO, 1954, p. 433).

Atualmente, a manifestação religiosa de devoção a São Gonçalo pode ser encontrada em regiões do Brasil como Norte, Nordeste e Sudeste, o que implica dizer que é um santo cultuado pelos brasileiros e que desde a introdução do seu culto nesse território, graças ao poder de operar milagres atribuído ao santo vem mantendo a sua devoção viva.

A memória como elemento de transmissão da fé

A devoção a São Gonçalo provoca-nos o desejo de conhecer as memórias que são construídas através dessa fé, levando a questões que envolvem a percepção de pertencimento religioso e os vínculos entre o homem e a divindade, tendo como um dos

elementos de integração dos devotos de São Gonçalo a memória religiosa individual ou coletiva, “uma memória (...) que ao definir o que é comum a um grupo e que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1989, p. 03).

Mais do que agradecer a milagres, os fiéis de São Gonçalo, em dia de dança, reúnem-se para confraternizar momentos de vida que é comum a todos eles e para fortalecer seus laços familiares e identitários. Na fala do devoto M., 57 anos, é o “encontro de muitos familiares da comunidade”, pois a devoção a São Gonçalo expressa de forma direta a história de vida desses devotos, que muitas vezes está pautada nos conceitos de dependência, devoção e submissão à divindade, estabelecendo critérios imaginários que refletem no seu comportamento em sociedade e nas memórias compartilhadas ao longo da vida.

A importância da devoção está centrada nos aspectos que se remetem aos elementos de integração da comunidade e familiares, assim como laços de solidariedade, pois é quase regra entre os fiéis ter que ir ao ritual na casa de um vizinho ou parente para que este vá ao ritual que também será realizado na sua casa, caracterizando o que Mauss (1974, p. 232), denominou de “fenômeno da morfologia social” que assim como no *potlatch*, que promove a reunião das tribos e clãs, o ritual de São Gonçalo é momento de reunião das famílias havendo a confraternização dos grupos e atualização das experiências de vida de cada um dos devotos e familiares que participam do rito.

Um aspecto do ritual descrito na fala de dona M., 67 anos, expressa essa solidariedade, que ocorre quando os devotos “aproveitam as danças de São Gonçalo que está sendo feita na casa de um vizinho ou amigos para segurar o santo durante a dança como uma forma de também pagar a sua promessa”. Nesse caso, identificamos que dentro de um ritual “maior” que está sendo realizado por um devoto de São Gonçalo (importante lembrar que a execução de uma dança de São Gonçalo gera muitos gastos), é permitido que uma promessa de uma outra pessoa seja paga também, o que definiremos aqui de “promessas menores”, não sendo necessário executar um ritual completo, mas apenas participar de uma ou mais jornadas³ segurando a imagem do santo no colo ou na cabeça.

A percepção acerca da construção dessa memória religiosa nos leva ao encontro das histórias que elas guardam. Histórias que contribuem para entendermos como essas pessoas mantêm vivo esse ritual, que ao longo dos anos vem sobrevivendo através da devoção pautada na transmissão oral, esta que está carregada de impressões construídas a partir da

³ É o período em que se realiza cada parte da dança com início e finalização em frente ao altar do santo, cada uma das fileiras tem direito a conclusão de cada jornada em frente a imagem de São Gonçalo e logo em seguida se inicia uma nova fase da dança.

subjetividade de cada devoto, uma vez que, “apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo as suas sombras” (THOMPSON, 1992, p.197). Na fala do senhor M., 57 anos, fica clara a forma como se dá essa continuidade: foi “através do meu pai que aprendi a dança”.

Como a continuidade dessa prática religiosa ocorre em grande parte passando de pais para filhos, buscamos estabelecer essa relação entre devoção e memória, uma vez que pode contribuir para conhecermos histórias de devoção e também de vida desses fiéis, que aos poucos vão sendo esquecidas, e que revelam o percurso histórico do ritual de São Gonçalo ao longo do tempo, e a sua influência na vida dessas comunidades/famílias/pessoas, pois muitos fiéis já são idosos. Entre os nossos entrevistados todos possuíam idade entre 57 e 70 anos, há décadas são devotos de São Gonçalo e com o passar dos anos essas gerações de devotos vão se renovando, construindo, reelaborando e selecionando as memórias (POLLAK, 1992), o que implica dizer que as gerações que se sucedem adaptam novas simbologias ao ritual, introduzindo no mesmo novas formas e conceitos.

Uma dessas mudanças aparece no depoimento do senhor A., 57 anos, quando relata que “as pessoas antigamente começavam as danças sete horas da noite e terminava às onze e tinha muitas mulheres pra cantar”. Com o tempo, o ritual passou a iniciar-se cada vez mais tarde e tendo uma duração menor, dependendo da quantidade de jornadas, que de acordo com dona M., 67 anos, “já é definido na promessa, que geralmente são 5, 7 ou 9 jornadas”, mas que pode ser composto por mais. Com o passar dos anos, a noite que era inteira dedicada a realização do ritual teve seu tempo dividido entre as outras atividades que também são executadas no mesmo ambiente, como as serestas, que são realizadas logo após a dança de São Gonçalo, acarretando muitas vezes em rituais menores.

Segundo Pollak (1992, p. 204), “a memória é em parte herdada (...) e sofre flutuações que são em função do momento em que é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem elemento de construção da memória”. Sendo, portanto um fenômeno que é construído no contexto em que é vivida e transmitida ao longo das gerações. A fala da senhora M., 67 anos, expressa essa transmissão da devoção de pais para filhos, ao narrar sua memória, de forma emotiva, lembrando que seus pais também “eram devotos de São Gonçalo, e (...) foi por causa da minha mãe, devido as motivações dela que eu passei a ser devota do santo também. (...) posso afirmar que a influência da minha família foi decisiva para que eu passasse a me tornar devota de São Gonçalo”.

Para Thompson (1992, p. 185), “a construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo”. Na transmissão dessas memórias, também é repassada (ou não) entre os devotos a hagiografia de São Gonçalo, que dependendo do devoto que narra a sua história possui variações (e imaginações), mesmo tendo alguma relação com a versão oficial da vida do santo, o trabalho da memória e da imaginação é posto em prática, como na narração da devota que mostramos abaixo:

São Gonçalo era um senhor do tipo mendigo, ou seja, preguiçoso. Um certo dia ele encontrou-se com nove mulheres grávidas, muito deprimidas, não sei o porquê estavam tristes. Aí ele teve a ideia de convidá-las para fazerem uma brincadeira, reanimá-las. Uma perguntou: que tipo de brincadeira? Ele disse: nós somos 10 pessoas, formamos duas filas de 5 pessoas em cada um e vamos cantar assim:
 São Gonçalo vai, São Gonçalo vem
 São Gonçalo beija mais não é meu bem
 E assim continuaram a brincadeira. Hoje em dia nós continuamos, um pouco diferente, pois fazemos com tradições e com 6 pessoas com obrigação 4 homens e 2 mulheres e restante com acompanhantes. As cantigas de São Gonçalo a gente é quem tira da mente, você inventa o que o importante é que no final dê certo o repente (A., 58 anos).

Nesse processo de transmissão/construção/reconstrução da memória, as promessas podem ter novos significados e sentidos, memórias essas que mesmo sendo um “fenômeno construído” (Pollak, 1992), dentro de um contexto, de forma individual ou coletiva, identificam a relação que o sujeito possui com a divindade, sua visão de vida e de mundo. O senhor A., 57 anos, explica como se dá a relação entre o mesmo e o santo: “Eu chamo por ele (*São Gonçalo*) nas horas difíceis e ele atende os meus pedidos” (Grifo nosso). Em outro depoimento, a relação também é expressa pelo devoto P., 67 anos: “eu já gostava de ajudar tirar danças de São Gonçalo e fiz uma promessa e fui valido (*atendido*) aí tornei-me mais devoto de São Gonçalo (Grifo nosso).

A maneira como é constituída a promessa pode se caracterizar como “um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado” (DaMATTA, 1986, p. 75). Para alcançarem o que desejam – a salvação/cura imediata, os fiéis encontraram uma forma de fazer por merecer o milagre: a promessa. Esta é feita como uma forma de “pressionar” o santo a atender o pedido.

Após o recebimento do milagre, o devoto deve retribuir a graça recebida. Mauss (1974) estabelece uma analogia entre as relações de trocas de dádivas e a obrigação de dar e receber, definindo essas relações como “*sistemas de prestações totais*”, sendo uma dessas formas de prestação o *potlatch*, ou seja, um direito econômico onde se pode identificar que “o mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidente o que se obriga a

retribuir o presente recebido” (MAUSS, 1974, p. 48). Nesse sistema, dois elementos principais foram identificados: a honra do *mana* que é conferido a alguém, e a obrigação que este beneficiado tem de retribuir sob penalidade de perder esse *mana*, podendo essa obrigação de recompensar tornar-se permanente e obrigatória.

Na devoção a São Gonçalo verificamos como funciona esse sistema de trocas que, em alguns casos, devotos passam a vida inteira pagando promessa ao santo, tendo a “obrigação não somente de retribuir, mas também de dar de um lado, e receber, de outro” (MAUSS, 1974). Segundo o devoto P., 67 anos, “fazendo as danças na própria residência, com leilão e umas joias para o santo”, envolvendo homens e seres sagrados em um mesmo contrato sob penalidade de ser castigado caso não cumpra a promessa. O senhor A., 57 anos, explica a sensação de dever promessa: “Você se sente na obrigação de pagar, você fica com a consciência pesada de tá devendo uma coisa tão importante”. Não se trata somente de um sentimento de dívida que é carregado pelo fiel, caso não cumpra sua parte. Na fala do devoto M., 67 anos, é obrigação do devoto retribuir a dádiva, “porque segundo a crença, caso o devoto não pague a promessa, o santo cobra depois”, e nem mesmo após a morte, o devoto que não cumpriu sua promessa em vida tem sua dívida com o santo perdoada. Exemplo disso pode ser notado no caso de um familiar de dona M., 67 anos, que narra: “Eu conheci uma pessoa que foi meu pai, ele acabou falecendo antes de pagar a promessa e uma certa noite ele me apareceu em sonho pedindo que eu pagasse a promessa pra ele, que em seguida eu procurei fazer o pedido dele”.

A execução do ritual é a “exigência do santo” em retribuição pelo milagre realizado, tendo o rito a função de “manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem da memória” (DURKHEIM, 1996, p. 409), pois o ritual, de acordo com o devoto M., 67 anos, “proporciona o reencontro de familiares e amigos”. É no ritual, com a reunião das famílias para celebrar São Gonçalo, que essas memórias são reafirmadas e na evocação dessas lembranças voltam-se para o passado para justificar essa devoção e manter vivos os seus significados, tendo a função também de manter a coesão da família e do grupo.

Para Durkheim (1996, p. 389), “o rito exerce uma ação profunda sobre a alma dos fiéis que dele participam. Estes reconhecem uma impressão de bem-estar cujas causas não percebem claramente, mas que é muito justificada (...) e nela fazem seu ser moral”. No ritual é o momento onde alma, corpo, religião e dança se conjugam estruturando o rito, percebendo no contexto do movimento da dança, do canto a expressão de estruturas simbólicas que admitem a convivência do homem com o sobrenatural de forma harmoniosa e cúmplice, tendo o ritual a função de manter vivos os significados intrínsecos da devoção

que cada devoto interpreta como parte de sua experiência. Para Durkheim (1996), os símbolos são importantes, pois (...) possuem forças reais necessárias para a compreensão do bom funcionamento da vida moral.

Os símbolos parecem exercer grande importância na vida dos devotos, podendo ser percebidos em vários aspectos nessa devoção, desde o momento da promessa até a realização do ritual: as crendices para o dia da dança, a melodia da sanfona, o modo dos devotos executarem a dança, as cantigas, a alegria dos dançantes, a valsa de São Gonçalo e o leilão. Todas são partes que compõem o rito e que refletem a fé, os sentimentos, a história, a identidade e as memórias dos praticantes.

Para analisar a experiência social e religiosa desses sujeitos através da memória recorreremos às concepções de Halbwachs (2003), uma vez que a partir da memória coletiva é possível percebermos as marcas da vivência religiosa e os laços estabelecidos entre santo/sujeitos, revelando, assim a experiência dinâmica da vida social desses fiéis, através da história oral, esta que pode “devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p. 22). Verificamos na narração de dona M., 67 anos, essas memórias que são revisitadas. Além de mostrar que se tornou devota de São Gonçalo ao seguir a sua mãe nos rituais, a mesma expressa uma certa preocupação com a redução do número de pessoas que participam ativamente da dança atualmente, se comparada.

As vezes que eu acompanhava minha mãe nas danças; o tempo de quando as danças em louvor ao santo tinham uma participação de um número maior de pessoas que se envolviam de uma forma mais intensa com a dança, já que hoje poucas pessoas querem participar e muitas delas só acompanham, mas não cantam e nem dançam e outras pessoas se retiram da fila na hora de beijar o santo. Me recordo também de uma certa vez que devido à falta de pessoas para tocarem durante a dança, as pessoas que estavam na fila foram quem tocaram usando colheres e pratos. (M., 67 anos).

Perecemos essa menor participação dos devotos na execução do ritual na observação de algumas danças. Assim como narrado pela devota, verificamos que muitas pessoas entram na fila apenas pela “folia”, mas sem o compromisso de realizar corretamente os passos da dança e cantar acompanhando o som dos instrumentos musicais. Somente os mais experientes demonstram conhecimento dos versos da cantiga do santo e vão à frente das fileiras que se formam em frente ao altar. O motivo para esse afastamento dos mais jovens nos rituais é citado pela senhora M., 67 anos:

Eu percebo que não está havendo um incentivo dos mais velhos para que os jovens participem, hoje a gente vê apenas os idosos participando das danças, os jovens ficam só olhando, não sabem como se faz o ritual da dança, não sabem as cantigas, e isso é preocupante, pois quando os idosos não puderem mais participar, quem vai dar continuidade a essa tradição religiosa? Por esta razão existe sério risco de

num certo futuro as danças de São Gonçalo deixarem de existir por falta de pessoas para participarem dessa tradição religiosa. (M., 67 anos).

A redução de participantes ativos na execução do rito provocada pela falta de interesse dos “mais novos” na dança é um fenômeno fácil de ser identificado na observação dos rituais, pois embora haja a participação de muitas pessoas no dia das danças, grande parte desses sujeitos participam apenas como observadores, uma vez que, segundo dona M., 67 anos, “os jovens vão para as danças, mas não para participarem do ritual religioso em si, mas sim para aproveitar a movimentação que gira em torno por causa da dança de São Gonçalo”.

Mesmo com filas numerosas de pessoas dançando em frente ao altar, que ainda podem ser verificados em alguns rituais, já se encontram outros com uma redução drástica de participantes, como é o caso revelado pelo devoto J., 70 anos, quando relata casos de “dança que a gente tira com seis pessoas”

A memória de um passado onde os rituais eram mais longos e com muitas pessoas participando é recorrente nos relatos de cada devoto, daí confluímos com a concepção de Halbwachs (2003), ao afirmar que mesmo sendo aparentemente individual, a memória está associada a um grupo. Dessa forma, o sujeito possui a lembrança, mas está sempre em interação com a sociedade, pois “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Para o autor, a memória individual está contida nos diversos contextos a qual o indivíduo está inserido, com a participação de outros agentes, sendo a memória individual associada à memória do grupo, passando assim a ser coletiva. Dessa forma, a memória é uma associação de memórias da qual o sujeito sofre influência sendo “cada memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva (...) que muda segundo o lugar que ali ocupa (...) e segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2003, p. 69). A partir das considerações de Halbwachs, é possível afirmar que a sociedade, seja no passado ou no presente, consubstancia suas memórias em um determinado espaço e tempo, sendo nesse sentido um trabalho de reconhecimento, identificação e reconstrução do passado vivido pelo grupo a partir de suas lembranças e da história oral, que permite recordar e ao mesmo tempo promover a articulação entre passado e presente “estendendo-se (...) até onde atinge a memória dos grupos que a compõe” (HALBWACHS, 2003, p. 105).

Dessa forma, a memória pode ser definida como “uma representação do passado (...) de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (RUSSO, 2006, p. 94). Nesse sentido, a memória coletiva é o elemento que engloba a memória do grupo, pois “cada

vez que a memória está relativamente constituída, ela efetua o trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade da organização” (POLLAK, 1992, p. 206).

Na dança de São Gonçalo, essa memória aparece mais uma vez em tom de preocupação. Ao referir-se aos rituais de “antes” o senhor M., 67 anos, explica que as danças ao serem realizadas eram compostas por “muitas cantadeiras, e as pessoas participavam pela fé. Era algo gratuito. Hoje, a maioria das pessoas está cobrando um valor para poder tirar (*realizar*) a dança, algumas cantadeiras não querem mais cantar de graça” (Grifo nosso). A realidade exposta na fala do devoto também pode ser encontrada nos versos cantados no ritual, quando as cantadeiras deixam clara a expectativa pelo recebimento de uma retribuição pelo seu “trabalho” (dançar e cantar) no ritual.

Vamos dar uma despedida
Na folha da laranjeira
Senhora dona de casa
Venha agradecer as cantadeiras⁴.

No todo, essas memórias colaboram para um melhor entendimento dos elementos que envolvem essa devoção e os símbolos que são expressos e parece trazer à tona a memória manifesta em materialidade e imaterialidade compondo um simbolismo que nos permite apreciar a confluência do que se pode considerar visível com o que é invisível revelando-se híbrido, vinculando fé, devoção, festa, riso, folia e a esperança de uma vida melhor, promovendo a relação entre passado, presente e futuro mostrando que “entre esse passado como preexistência geral que se desdobra até o presente existem ‘regiões de memória’, onde estão contidos todos os mecanismos que marcarão a vida do grupo” (GODOI, 1998, p. 101).

Considerações finais

Sejam individuais ou coletivas, as memórias da devoção a São Gonçalo, construídas ao longo das gerações expressam o sentimento de pertencimento religioso dos sujeitos que depositam suas esperanças no poder de São Gonçalo de operar milagres e expressam a emoção de terem sido atendidas através do pagamento da promessa. É na execução do ritual, conhecido como Dança de São Gonçalo, que essa devoção se torna mais explícita, uma vez que é o momento em que o devoto, com a ajuda de amigos e familiares expressam sua gratidão pela graça alcançada e reforçam o sentimento de fé, emoção, união e

⁴ Versos da despedida da terceira jornada da dança de São Gonçalo colhidos em janeiro de 2013.

solidariedade, sendo esse um dia de reunião dos familiares e de confraternização entre os devotos muito importante para a atualização e construção da memória religiosa.

Embora algumas mudanças venham sendo percebidas pelos devotos nos últimos anos, como o menor interesse dos “mais novos” em aprender e participar ativamente da dança de São Gonçalo, ainda é muito presente a realização do ritual durante todo o ano, principalmente na zona rural do município, com incidência nos meses menos chuvosos.

Tendo se mantido viva graças a devoção repassada através das gerações, motivadas na maioria das vezes pelo poder de São Gonçalo de realizar milagres, resta-nos agora buscar identificar até que ponto a dança de São Gonçalo está ameaçada de “desaparecimento”, pois o ritual é movido pelas promessas. Mesmo que os jovens não demonstrem tanto interesse pelas danças, como apontado pelos nossos entrevistados, as promessas feitas pelos “mais velhos” continuam dando vida a essa devoção, mas quando (se algum dia) não existirem mais devedores e nem dívidas a serem pagas, novos compromissos serão firmados com o santo? Ou a dança de São Gonçalo ficará apenas na memória? Estas são questões para futuras pesquisas.

THE WORK OF MEMORY IN THE TRANSMISSION OF DEVOTIONS: PROMISES AND MIRACLES IN THE CULT OF SÃO GONÇALO IN CAMPO MAIOR-PI

Abstract: The Dance of São Gonçalo, present in the rural area of the municipality of Campo Maior-PI, can be defined as a promise payment ritual performed in the form of dancing and singing. The objective of this work is to analyze how the relations established through the promises are constituted in the memory of the devotees of São Gonçalo characterizing their life history. We use as a theoretical contribution mainly the work of Halbwachs (2003), Thompson (1992), Pollack (1992) and Durkheim (1996). The methodology adopted was oral history and ethnography, in addition to the analysis of a verse of the ritual songs.

Keywords: Memory. Devotion. Religion.

Referências

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1954.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

GODOI, Emília P. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. *In*: NIEMEYER, A. M. (Org.) **Além dos territórios**. Campinas: Mercado das letras, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: Maus, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo. EPU, 1974.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. *In*: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Vértice, nº 10, 1992 (pp. 200-215).

RUSSO, H. A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. A festa de São Gonçalo na viagem em Cartas de La Barbinais. **Via Spiritus**, Rio de Janeiro, vol. 11, p. 221-238, 2004.

SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SOBRE O AUTOR

Márcio Douglas de Carvalho e Silva é mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Recebido em 03/04/2017

Aceito em 06/07/2017